

Trabalhadores encenam sua história

Rogério Corrêa fala
sobre Os Queixadas

Rogério Corrêa — Eu estava fazendo direção de produção do filme do Maurice Capovilla, *O Jogo da Vida*, que, entre outras coisas, trata da greve de Perus. Um dos personagens é um grevista, um operário dispensado na greve. E a partir daí, do contato com os líderes da greve, com Mário Carvalho de Jesus, na pesquisa para construir o personagem do Capovilla, tomei conhecimento da história da greve de Perus, e aquilo me pegou pelo coração. É uma história de resistência incrível. *Os Queixadas* não é um filme fechado, apesar de ter um clima pesado, sério, é uma coisa que ele supera por possuir uma certa vivacidade, que é a parte dos operários representarem a própria história. Ele não é um filme convencional porque em certa medida é bem diferente do tipo de coisa que se faz, por exemplo, no sentido dos próprios operários contarem a história. A idéia era fazer um documentário factual da greve, contar a historinha da greve. Na medida em que eu conheci o João Breno, que aprofundi meu relacionamento — aliás muito bom, mil papos etc. — com ele, descobri que ali existia um personagem incrível, o líder da greve. E resolvi centrar o filme nesse ponto, ele como o condutor da história. E tive a idéia dos caras representarem a greve ao invés de contarem a greve. É um filme sobre os operários representando a própria história. A força do filme está justamente em colocar as três linhas, os três tipos de comportamento em relação ao problema político e social: a igreja, um advogado que é cristão e os operários. O filme tem isso, tem essas três visões e eu acho que a posição do Mário está muito clara dentro do filme. Eu sinto que o filme é polêmico mesmo, ele não apresenta uma definição, não cai num faciosismo em que muitos filmes sobre movimentos operários caem, e deixa a coisa ao nível de um debate aberto. O que me interessou na verdade era ver como eles partem para a greve e como é organizada a resistência deles, com todo o envolvimento de outros personagens não-operários. O filme pintou na minha cabeça quando o “novo” movimento operário eclodido em 78 ainda não tinha pintado. Estava latente, mas não tinha estourado nenhuma greve. Quando eu comecei a montar o filme, em maio mais ou menos, estourou a primeira greve em São Bernardo e acho que foi o primeiro filme sobre greve a ficar pronto. Depois surgiram vários outros, já sobre os novos movimentos. *Os Queixadas* é a reconstitui-

ção de um movimento ocorrido em 1962.

FC — Levando em consideração o que você está falando, que é um filme de um movimento operário de uma determinada época e há um novo movimento, com idéias novas, gente nova, lideranças renovadas, um país diferente etc., vem a curiosidade: esses elementos recentes interferiram na carreira do filme?

Rogério — Ele se reporta a uma situação, a uma época que é pouco estudada, pouco conhecida, principalmente junto às novas gerações. E ele se reporta de uma maneira que não se restringe a uma simples documentação da coisa. Toda essa movimentação que surgiu após 78 é muito diferente da daquela época. É uma maneira de ver história — não a história presente, que está acontecendo aqui e agora —, mas com um certo distanciamento. É um problema de leitura. Sempre se exigiu do documentário uma apresentação precisa e objetiva daquilo que está exibindo. Não deixar margem de dúvida ao espectador, não colocar dúvidas, mas certezas. Meu filme não tem nada disso, mas apenas posições contraditórias se batendo, e deixa aberta a discussão. Eu acho que é um ranço incrível no documentário brasileiro essa tendência a levar o espectador a pensar aquilo que o realizador está pensando, é uma coisa terrível, que fecha a cabeça das pessoas, que limita.

FC — Como foi a produção?

Rogério — A produção resultou do prêmio estímulo concedido pela Comissão Estadual de Cinema no ano de 1977, com co-produção de Thomas Farkas, que entrou com equipamento. Foram duas semanas de filmagens, todo mundo foi pago, inclusive pessoas de Perus que nos prestaram informações, caso do Mário Carvalho de Jesus e do João Breno, porque eu quis fazer a coisa da maneira mais profissional possível, no sentido de não ter vinculação, não ter obrigação de defender aquele movimento.

Rogério Corrêa nasceu em Porto Alegre (RS) e cursou a Escola de Comunicação da USP. Fez os curtas-metragens Roças (1975) e Tem Coca-Cola no Vatapá (1976). Foi assistente, diretor de produção e montador de vários filmes. Em 1978 realizou Os Queixadas.